

A DEFESA DA CIDADE

Judite: mãe e profetisa

José Artur Tavares de Brito
(Artur Peregrino)

O Senhor o feriu pela mão de uma mulher (Jt 13,15).

Introdução

Primeiro de tudo é importante situar nosso esforço reflexivo. Tomando o Livro de Judite, logo nos deparamos com o desafio de fazer uma leitura feminista do texto. Isso porque a mulher é a chave de leitura que tomamos para estudar este texto.

Sabemos que a Bíblia, interpretada androcêntrica e patriarcalmente, foi fonte de legitimação para marginalizar a mulher na Igreja e na teologia. Mas também é verdade, e isso acontece na prática, que a Bíblia relida a partir dos oprimidos e marginalizados foi fonte de libertação e de vida para muitos, inclusive as mulheres.

A leitura a partir dos pobres é mais fácil do que a leitura a partir da mulher pobre. Na parte da hermenêutica, sobretudo, tentamos aproximar a mensagem do texto de Judite à luta das mulheres de ontem e de hoje.

Adentrando na pesquisa de material escrito sobre Judite percebemos que não é fácil encontrar um comentário moderno sobre o livro de Judite. Não se tem muitos comentários sobre o mesmo.

A personagem principal do livro é uma mulher. Não será por causa disso que o mesmo ficou sem despertar interesse de estudiosos?

A última parte do livro de Judite apresenta claramente a mística do povo de Deus. Por isso escolhemos o capítulo 13 para análise exegetica.

A ação e o anúncio da libertação vêm através de uma mulher. O livro de Judite apresenta uma figura de mulher como modelo de luta. Longe da passividade a que eram condenadas as mulheres da época, Judite encampa a indignação. Judite se confronta com o poder opressivo do imperialismo. Ela é personificação feminina do próprio povo. Ela é a “invencível força dos fracos”. Seu nome significa “judia”. É a “filha” do povo por excelência. A beleza e artimanhas de Judite simbolizam a fé, que não dispensa os meios políticos na luta para eliminar os mecanismos centrais de repressão.

Para análise geral do livro usaremos a tradução da *Bíblia de Jerusalém*, embora estaremos sempre aproximando-a comparativamente com outras traduções.

Por muitos motivos me sinto desafiado a estudar esse livro. Sobretudo porque esse texto não é considerado profético, não parte do profetismo clássico em forma de

oráculo, e, sim, é extraprofético. Como situar o livro de Judite como expressão do movimento profético? Que intenção tem o livro de Judite e que ensinamentos contém? É o que tentaremos responder durante nosso caminhar nestas páginas.

1. Enredo do livro de Judite

O livro de Judite situa-se no período pós-exílico. E a época do pós-exílio é o período de reconstrução do templo, da codificação de leis e estatutos, da institucionalização, cada vez mais hierarquizada, do sagrado e do sacerdócio. Nessa época havia uma concepção de que os males do mundo obtêm a seguinte explicação: sua origem está na mulher e em sua natureza pecadora, incapaz...

É verdade que, ao longo da história de Israel, a mulher sempre viveu numa situação de opressão e submissão ao homem. Os espaços onde a mulher transitava (tenda, casa, palácio, cidade, quartel, templo) sempre foram opressivos em relação à mulher. É verdade também que as mulheres sempre lutaram contra isso, deixando registrada sua resistência na história. O livro de Judite representa exatamente a quebra dessa mentalidade excludente.

O texto apresenta a trágica situação do povo, ameaçado de destruição pelos exércitos invasores guiados por Holofernes, a mando de “Nabucodonosor, rei dos Assírios – o grande rei, o senhor de toda terra” (cf. Jt 2,4).

A espoliação do povo da terra é múltipla. Por um lado, obrigados a escolher entre suas famílias e suas propriedades (Esd 10,8) e, por outro, sufocado por tributos e impostos.

O livro de Judite é a narração de uma vitória do povo eleito contra seus inimigos, graças à intervenção de uma mulher.

O contexto é um retrato da invasão imperialista – e por trás de Nabucodonosor podemos ver todos os chefes imperialistas estrangeiros, que sempre molestaram o povo israelita.

2. Contexto histórico

O sistema do mundo gira em torno da apropriação do poder e promove a afirmação de si e a riqueza como valores supremos (Sebastião Armando Gameleira Soares).

2.1. Considerações sociológicas

2.1.1. Aspecto econômico

À medida que a esfera do trabalho se alarga, a do riso diminui (Octavio Paz).

Tudo começou com a problemática da terra. No princípio a terra, que era comunitária, passou para as mãos de gananciosos. Na dominação selêucida, o rei agiu como

se fosse dono da terra. Foi doando parcelas da terra melhor a soldados, sacerdotes e amigos para ganhar amizade e ter apoio político e popular. Assim os moradores, além de trabalhar a terra para o rei, tinham que pagar para morar nela; e, como se não bastasse, não tinham nenhuma segurança, pois podiam ser expulsos a qualquer momento.

Ninguém poderia escapar dos impostos, tal era a organização. Quem controlava era o Estado e o Templo. Todo camponês tinha que pagar ao rei:

- 1) Imposto de renda e propriedade: era a terceira parte da safra do trigo e a metade da safra dos frutos.
- 2) O tributo: era o imposto que cada região tinha que pagar segundo sua capacidade produtiva. Esse tributo era pago pelo chefe da região, no caso da Judéia pelo sumo sacerdote, que, por sua vez, o cobrava do povo. O tributo para a Judéia era de 20 talentos de prata = 625 kg.
- 3) Imposto por pessoa: obrigação de cada pessoa.
- 4) Imposto da coroa: era pago na ocasião da coroação do rei e era a contribuição em anéis, brincos, pulseiras e colares de ouro para fazer-lhe a coroa.
- 5) Imposto sobre o sal: o povo devia comprar o sal somente do rei e sobre este sal havia uma pequena taxa.
- 6) Impostos locais: a partir de cada localidade.
- 7) Imposto sobre a circulação de mercadorias: o comércio era muito desenvolvido; não era para o rei mas para o governador da região ou chefe da aldeia.
- 8) Impostos especiais: eram pagos em caso de guerra para manter o exército. Os soldados eram pagos pelo rei (1Mc 10,25-42).

A produção, especialmente agrícola, é controlada pelo Estado e em favor de seus interesses.

O povo sempre contribuiu com as despesas do Templo de Jerusalém. Por isso havia três tipos de taxas que, porém, o povo, mesmo sem ter muitas condições, pagava de boa vontade porque faziam parte da religião deles:

- 1) Oferta das primícias: os primeiros frutos da colheita todo ano eram ofertados ao Templo para manter as liturgias e as celebrações.
- 2) Uma moedinha de prata: cada bom israelita pagava o correspondente a um dia de serviço pela manutenção do prédio.
- 3) O dízimo: era os 10% da colheita que o povo oferecia para o sustento dos sacerdotes e dos empregados do Templo.

O rei Antíoco tinha perdido a guerra contra os romanos e estes tinham exigido dele, para poder ficar no reino, uma condição muito pesada: pagar todo ano, e por vários anos, a quantia de 15.000 talentos de prata = 513.660 kg de prata. Assim o rei Antíoco procurava arranjar dinheiro de todo jeito e até sobre o Templo de Jerusalém

impôs impostos. Assim o povo vivia numa grande miséria e não tinha chance de levantar a cabeça.

A situação de pobreza e humilhação é agravada pela ideologia manipuladora em favor dos interesses econômicos que leva o povo a ver a riqueza como uma bênção de Deus e a pobreza como castigo e expressão do pecado do pobre.

2.1.2. Aspecto político

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer “isto é meu” e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo (Rousseau).

O livro de Judite se situa na época de luta macabéia¹. O pequeno estado de Judá, depois da volta do exílio babilônico, foi mudando de mãos de dominadores, conforme a sucessão de impérios: persas, ptolomeus e selêucidas. Durante quase 400 anos os judeus não conseguiram fazer sua própria história.

Com Antíoco IV Epífanes (175-164) tem início uma repressão sistemática em cima dos judeus, inclusive culminando com a abolição total da religião judaica. Com esta medida, queria extirpar a causa de um possível perigo político.

Em 167-166 antes de Cristo explodiu em Modin, no interior do país, uma insurreiçã do povo judeu, encabeçada pelo sacerdote Matatias e seus cinco filhos que o substituíram sucessivamente: os Macabeus.

Houve uma grande divisão entre o povo quando foram adotados novos costumes que vinham do estrangeiro. Essa foi a faísca para dividir o povo de Jerusalém em dois partidos: de um lado o partido helenista, formado por judeus ricos que adotavam costumes gregos; do outro lado o partido mais ligado às tradições antigas do povo judeu, formado por judeus pobres e gente da roça.

O rei Antíoco IV mandava na terra da Palestina. Ele apoiava o partido dos judeus helenistas. Para entendermos a geopolítica deste período é importante verificar a cronologia bíblica deste período chamado helenístico.

Entendendo o aspecto político da época, poderemos ver o que aconteceu com o templo de Jerusalém. Olhando para o livro dos Macabeus vamos encontrar algumas situações.

Jasão pagou 420 talentos de prata = 14.380 kg ao rei Antíoco IV para se tornar sumo sacerdote no lugar de seu irmão Onias III. Jasão é um nome grego: o nome já diz de que lado ele estava. Jasão obteve a autorização do rei para construir em Jerusalém

1. Macabeus: é o sobrenome dado a Judas; a tradição o aplicará em seguida a seus irmãos. Quiseram vincular este termo ao hebraico *maqgebet*, martelo, vendo nele o sobrenome de um guerrilheiro.

um ginásio, introduzir a Efebria e recensear quanta gente havia lá do partido judeu-helenista (2Mc 4,7-9).

Três anos depois, em 172, Menelau, que era pior do que Jasão, ofereceu 300 talentos de prata a mais que os oferecidos por Jasão na hora de pagar o tributo ao rei Antíoco IV. Com este suborno, Menelau se tornou sumo sacerdote em lugar de Jasão (2Mc 4,23-24).

Ainda estava vivo o legítimo sacerdote Onias III, que se encontrava exilado na cidade de Antioquia, quando Menelau o mandou assassinar. Em Jerusalém o povo não gostou disso e ficou contra Menelau, que conseguiu desculpar-se diante do rei (2Mc 4,32-34; 4,43-47).

A história nos conta que Antíoco IV entrou em Jerusalém e saqueou o templo. Ele roubou de lá todas as riquezas para pagar a dívida que tinha com Roma. Então, roubar e saquear templos e santuários, para Antíoco, queria dizer pagar a dívida externa.

No ano 167 o rei Antíoco IV voltou novamente a Jerusalém; desta vez não somente saqueou o Templo, mas também tocou fogo na cidade.

Antíoco IV construiu sobre o altar dos sacrifícios do Templo outro altar destinado a receber sacrifícios pagãos. Os judeus eram obrigados a não mais observar o sábado, a comer comidas impuras, e não mais circuncidar seus filhos. Foi uma virada total que violentou profundamente os costumes judaicos. Houve uma grande violência cultural.

Ainda não satisfeito, mandou colocar no Templo uma estátua de Zeus Olímpico, deus dos gregos, e ordenou a realização de sacrifícios pagãos. As celebrações das festas judaicas foram abolidas e, em seu lugar, se fizeram celebrações mensais em honra dos deuses pagãos (1Mc 1,44-59; 2Mc 6,2-10; Dn 9,27; Dn 11,31.36-39).

Toda essa trama política deixou um caldo social desastroso.

2.1.3. Aspecto social

Na esteira das desigualdades sociais, manifestam-se as discriminações. Ontem e hoje, há preferência pelos que têm mais dinheiro, mais poder.

Havia uma grande confusão no que toca à questão social. Antes existiam fundamentalmente dois grupos de pessoas: camponeses e pessoal de Jerusalém ligado ao rei. Depois foram surgindo vários grupos bem diferentes um do outro e com brigas frequentes.

A guerra civil provocou profundas divisões em nível religioso, político e cultural. Os camponeses foram afetados pelo novo modo de produção, junto com o tributo por cabeça, que destruiu a estrutura “clânica” e proletarizou os camponeses nativos. Ficam como diaristas em suas próprias terras que agora estão nas mãos de latifundiários. Os judeus enriquecidos, que eram a classe alta de Jerusalém, se helenizaram para manter seu *status* social e sua influência de poder sobre o povo. Sua luta se restringe a interesses econômicos e de poder.

Os *hassidim*, que eram os “piedosos”. Contentavam-se com a purificação do templo de Jerusalém profanado por Antíoco IV. A libertação dos impostos ou uma autonomia política não lhes interessava. Os essênios são um grupo que foge para o deserto, assumindo um estilo de vida monástica, esquivando-se da luta para esperar a purificação de Jerusalém e de seu templo.

Nesse período começaram a existir muitos escravos. Uns eram camponeses, que se venderam para pagar suas dívidas; outros eram prisioneiros de guerra.

Estes escravos podiam ser vendidos para outros países como a Grécia ou o Egito ou podiam ficar mesmo na Palestina e aí trabalhar sobretudo nas fábricas de azeite, na safra do trigo e da uva (2Mc 8,10-11). Quem não virou escravo tinha duas alternativas: ou se tornava bóia-fria ou entrava no exército recebendo seu salário como soldado (1Mc 10,36).

Refletindo sobre o processo de escravidão tão difundido pelo mundo já no Antigo Oriente podemos lembrar a concepção grega de cidadãos e escravos na sociedade. Já no século V aC Aristóteles assim se expressou:

Todos aqueles que nada têm de melhor para nos oferecer que o uso de seu corpo e dos seus membros são condenados pela natureza à escravidão. É melhor para eles servir que serem abandonados a si próprios. Numa palavra, é naturalmente escravo quem tem tão pouca alma e tão poucos meios que deve resolver-se a depender de outrem [...]. O uso dos escravos e dos animais é aproximadamente o mesmo!²

Existia uma legitimação da utilização do ser humano como escravo. Isso repercutia fortemente na sua utilização por parte do poder. O povo escravo estava mais ligado ao ambiente da roça. Esses pobres eram muito religiosos: eles se reuniam para as festas, rezavam todo o dia a Javé, levavam suas ofertas ao Templo, observavam o sábado a ponto de não lutar em dia santo (1Mc 2,37-38), faziam as devidas romarias ao templo de Jerusalém. Esses pobres eram desprezados pelos sacerdotes de Jerusalém, porque considerados ignorantes e não conhecedores da lei. Quando estourou a luta armada, foi sobretudo este povo das aldeias que se uniu à luta pela libertação (1Mc 8,1).

Nas cidades encontramos sobretudo judeus com a cabeça de gregos. Eles eram proprietários de terra, comerciantes, cobradores de impostos e sacerdotes: os interesses dessas pessoas estavam ligados à classe dominante. Na cidade de Jerusalém morava a classe dirigente ligada ao sumo sacerdote e aos amigos do rei, como também o pessoal ligado ao culto do Templo. A classe alta e os judeus ligados à cobrança dos impostos e ao rei queriam se modernizar e viver à maneira dos gregos, deixando de lado as tradições dos antepassados. Era muito parecido com o tempo atual. Queriam seguir a nova moda que vinha do estrangeiro em relação ao vestir, à educação, à música, à administração da cidade, ao comércio e à arte.

Havia também, na cidade, muitos artesãos e pequenos comerciantes que eram também muito religiosos e observantes da lei. Este povo se reunia em pequenas comu-

2. CORDI, 1999: 150.

nidades que se chamavam de sinagoga. Encontravam-se para ler e meditar a Lei de Javé, orar e discutir os assuntos da comunidade. Desse modo a sinagoga se tornou o lugar de maior resistência às idéias gregas.

2.1.4. Aspecto ideológico

A ideologia é um fenômeno complexo que privilegia a aparência da realidade, encobrindo as contradições sociais.

Havia um grande conflito entre dois mundos: o grego e o judaico. Havia uma situação configurada da seguinte maneira. De um lado estava o paganismo grego, que teve como seus líderes Antíoco IV, os dois sumos sacerdotes Jasão e Menelau, a classe rica e os comerciantes; do outro lado estava a fé judaica, que é fé em Javé: o Deus que liberta a partir dos pobres e oprimidos, que toma partido e defende o direito do órfão e da viúva.

O império selêucida encontrou em Jerusalém apoio por parte de dois sumos sacerdotes, Jasão e Menelau, e, não convém esquecer, também por parte dos comerciantes judeus: desse modo nasceu o partido judeu-helenista. Para Antíoco IV isto queria dizer: 1) fortalecer o seu reino; 2) controlar o povo; 3) ser dono da terra e do comércio; 4) ser dono da religião.

O livro de Judite parece ser uma resistência e uma denúncia diante de uma mentalidade fechada. Deus é apresentado como aquele que “odeia as injustiças” (5,18) e promove a libertação do seu povo. O livro proclama Judite bendita entre os povos (14,7).

O povo já não agüentava mais o cumprimento da Lei. Acarretava a separação de uns e a conversão ao helenismo de outros. Nesse momento histórico, a Lei se absolutiza. É um momento em que a Lei substitui a Aliança. Para alcançar a Aliança, basta cumprir a Lei (1Mc 2,51-60).

O Templo encontra-se ligado ao império e é símbolo da presença de Deus no meio do povo. A corrupção e a profanação do Templo são grandes. Antíoco IV quer apagar da terra o nome de Javé e sua Aliança. Ele manda construir a imagem do Zeus Olímpico sobre o altar dos holocaustos (1Mc 1,54-64). O livro de Judite, porém, reflete a atitude do povo fiel à tradição que não muda facilmente. Crêem no Templo (4,11), no sacerdócio (4,8) e nos holocaustos (4,14), não obstante ter sido invadido este campo pela corrupção e pela dominação. O povo sabe conservar sua fé no Deus da vida, mesmo que as instituições lhe apresentem o Deus da dominação e da morte. Judite tem uma atitude crítica: relativiza o Templo, os sacrifícios e os holocaustos (16,16) se não estiverem a favor do Deus da vida.

Como vimos, o poder atinge e modifica todos os níveis de relação social. Está presente nas relações entre sexos, instituições e classes sociais.

A dominação social – capacidade de exercer influência sobre as situações sociais – depende dos objetivos das classes e grupos que detêm o poder político, e

assume diversas formas e métodos para manter esse poder: violência, coação, pressão, propaganda, persuasão. A dominação tem na ideologia um recurso para suavizar a imposição social³.

A ideologia presente nos mandos de Antíoco IV era, sobretudo, o comprometimento da consciência de toda sociedade em proveito dos seus interesses. As classes que detêm o poder político e econômico dominam, também ideologicamente, conforme diziam Marx e Engels.

3. Onde, quando e quem escreveu o livro de Judite?

Uma primeira pergunta poderíamos fazer. Qual é o grupo e a ação que inspiraram este escrito? Provavelmente este escrito surge como realidade vivida por um grupo de mulheres. Certamente escrito por homens. Ora, para ser escrito por homens, não será gratuito o fato de ceder a uma mulher este lugar. Isso só se explica a partir de uma experiência significativa vivida por um grupo de mulheres.

O livro de Judite é um texto deuterocanônico, escrito provavelmente durante a guerra dos Macabeus, cerca de 170 anos antes de Cristo. A redação final do livro de Judite dataria, portanto, em torno da metade do segundo século. Por trás de Nabucodonosor teríamos a figura do rei selêucida Antíoco IV Epífanes.

O autor primitivo de Judite é desconhecido. Provavelmente escreveu numa língua semítica. Ao final do séc. II aC, ou mais tarde ainda, o adaptador grego utiliza a versão dos Setenta e, algumas vezes, a reproduz textualmente, mesmo onde ela difere do texto hebraico. Assim, Jt 6,2 = Is 28,1; Jt 8,16 = Nm 23,19; Jt 9,7 e 16,2 = Ex 15,2; Jt 10,4 = Gn 38,14; Jt 10,4 = Is 3,20; Jt 14,18 = 1Sm 13,3; Jt 16,12 = 1Sm 20,30. Este redator grego trabalhou sobre um texto semítico, provavelmente hebraico, ora traduzindo-o literalmente, como o demonstram várias expressões que refletem fielmente o estilo hebraico, ora adaptando-o livremente, como o testemunham as diferenças com a Vulgata (cf. infra). Quanto ao protótipo semítico, poderia ter recebido sua forma definitiva na época da insurreição dos Macabeus contra a perseguição grega. As pretensões de Nabucodonosor de ser reconhecido como único Deus de toda a terra (Jt 3,8; 6,2) são comparáveis às atribuídas por Daniel (11,36-37) ao rei ímpio (Antíoco Epífanes). O narrador, provavelmente explorando um relato mais antigo, teria querido encorajar seus compatriotas ameaçados em sua religião, sua Lei e seu Templo, lembrando-lhes pelos exemplos do passado que o Deus de Israel não abandona os seus, mesmo nos perigos mais extremos, e que ele sabe frustrar os empreendimentos de seus inimigos, se os seus fiéis não o abandonam entregando-se à idolatria. O nome de Judite (a Judia) seria o símbolo da nação chamada à resistência contra o perseguidor estrangeiro.

O livro parece ter sido escrito na Palestina. Existe um grande conhecimento de lugares geográficos sem importância que escapariam da vista de um judeu que vivesse na diáspora.

3. *Ibid.*: 118.

Por outro lado, o relato de Judite encontra-se em textos judaicos (midraxim) bastante numerosos (uma dúzia), ligados à festa da Hanucá⁴. Esses textos comemoram a dedicação do Templo em 164 aC, três anos após a profanação de Antíoco. O relato é uma alusão a Jerusalém, sitiada pelos gregos de Antioquia, os selêucidas; a heroína é anônima.

4. Retomando o texto de Judite

Na segunda metade do século VII aC, na Babilônia, reinava o rei Nabucodonosor. Ele se considerava poderoso como um deus, invencível diante de qualquer exército. E resolveu conquistar também o povo de Israel.

Convocou o seu poderoso exército comandado por Holofernes: 120 mil soldados de infantaria e 12 mil flecheiros a cavalo!

Holofernes começou por cercar a cidade de Betúlia. Cortou as águas que abasteciam a cidade. Três semanas depois, já não havia uma gota de água na cidade para beber e cozinhar.

Então o povo procurou seu rei, Ozias, e pediu que entregasse a cidade a Holofernes, pois muitas crianças já haviam morrido. Ozias respondeu que rezassem a Deus e prometeu que, se dentro de cinco dias não chegasse nenhum socorro, ele entregaria a cidade aos babilônios.

Aconteceu que na cidade morava uma bela, rica e piedosa viúva, chamada Judite. Era estimada e respeitada por todos pela sua inabalável fé em Deus. Sabendo que Ozias estava disposto a entregar a cidade, Judite entrou em seu oratório e pediu que o Senhor lhe desse inspiração para salvar seu povo. E resolveu ir ao acampamento de Holofernes.

Terminada sua oração, Judite trocou sua roupa discreta de viúva pelo seu melhor traje, arrumou-se e se dirigiu ao acampamento dos babilônios. Logo encontrou uma patrulha:

“Quem é você? De onde vem?”

“Sou israelita e estou fugindo da cidade para não morrer de sede. O povo já está enfraquecido, mas teima em resistir. Por isso vim para revelar ao príncipe Holofernes como poderá penetrar na cidade sem usar a espada. Mas tem de esperar o momento mais oportuno”.

Os soldados da patrulha conduziram-na à tenda de Holofernes que, imediatamente, se sentiu atraído por sua beleza.

4. Hanucá: palavra de origem hebraica (Hanuká) que designa uma inauguração, uma restauração. É o nome da festa por vezes chamada de Dedicção, que comemora o restabelecimento do culto javista no templo de Jerusalém, por Judas, a 25 de casleu de 148 da era selêucida (= 14 de dezembro de 164 aC). Revestida de solenidade particular, pois que é chamada de “a festa das Tendas de casleu” (2Mc 1,9.18).

Judite ali ficou três dias, orando ao Senhor sem cessar. No quarto dia, Holofernes convidou-a para jantar. Tarde da noite, quando todos os convidados já haviam se retirado, Judite ficou só com Holofernes que, embriagado, adormeceu.

Aí Judite aproximou-se do general, pegou a espada dele, e decepou a cabeça de Holofernes, dizendo: “Louvem o Senhor, nosso Deus, que nunca abandona os que põem nele a sua esperança!”

Na manhã seguinte, ao descobrir o corpo decepado de seu comandante, os babilônios fugiram. O povo tinha sido libertado pela coragem de uma mulher.

Judite já havia saído do acampamento, à noite, e voltado para Betúlia.

5. Judite, capítulo 13,11-20⁵

11 De longe, Judite gritou para os que guardavam as portas: “abri, abri a porta! O Senhor nosso Deus ainda está conosco para realizar proezas em Israel e exercer seu poder contra os inimigos, como fez hoje”.

12 Quando os homens da cidade ouviram a sua voz, apressaram-se em descer à porta de sua cidade e chamaram os anciãos.

13 Todos se reuniram, do maior ao menor deles, pois sua volta era-lhes inacreditável. Abriram a porta e receberam-nas. Acendendo fogo para clarear, rodearam-nas.

14 Disse-lhes Judite com voz forte: “Louvai a Deus. Louvai-o. Louvai a Deus que não afastou a sua misericórdia da casa de Israel, mas que, nesta noite, quebrou nossos inimigos pela minha mão”.

15 Tirando a cabeça do alforje, mostrou-a e disse-lhes: “Eis a cabeça de Holofernes, general do exército da Assíria. Eis o mosquiteiro sob o qual se deitava em sua embriaguez. O Senhor o feriu pela mão de uma mulher.

16 Viva o Senhor que me guardou no caminho por onde andei, pois o meu rosto o seduziu, para sua perdição; mas não fez comigo pecado algum para minha vergonha e desonra”.

17 Todo o povo ficou extasiado e, inclinando-se, adorou a Deus, dizendo a uma só voz: “Bendito sejas, ó nosso Deus, que hoje aniquilaste os inimigos de teu povo!”

18 Ozias, então, disse a Judite:
“Bendita sejas, filha, pelo Deus altíssimo,
mais que todas as mulheres da terra,
e bendito seja o Senhor Deus,
Criador do céu e da terra,

que te conduziu para cortar a cabeça
do chefe dos nossos inimigos.

19 Jamais tua confiança
se afastará do coração dos homens,
que recordarão para sempre o poder de Deus.

20 Faça Deus com que sejas exaltada para sempre,
que te visite com seus bens,
pois que não poupaste tua vida
por causa da humilhação de nossa raça,
mas vieste em socorro de nosso abatimento,
caminhando, retamente, diante de nosso Deus”.
Todo o povo respondeu: “Amém! Amém!”

6. Aprofundando

Para análise exegética escolhi esta perícopa (13,11-20). Todo o livro de Judite, escrito no gênero de novela, compõe-se de 16 capítulos entrelaçados entre si. Por isso a análise desta perícopa não se faz isoladamente. Precisamos voltar sempre a outros capítulos do livro.

Judite anuncia a Betúlia a sua libertação (11-17). Judite estava disposta a entregar sua vida pelo povo (18-20).

Os versículos que passamos a analisar podem ser entendidos como a mística do povo de Deus.

Quando falamos em mística no livro de Judite, estamos falando de uma consciência de ser um povo possuído por Javé, Deus dos oprimidos; de sua resistência nas perseguições; de suas orações que brotavam da luta pela vida. Havia um cultivo do estar no cumprimento da Aliança. Era por causa dessa Aliança e dos Mandamentos, que se partia para a luta e a resistência. No caso dos Macabeus se tinha essa consciência e se lutava com armas, lamentando a situação de sofrimento, louvando a Javé nas vitórias, rezando e celebrando a própria luta para não desanimar. Esse era o chão de onde nascia a mística.

Vivendo sob uma opressão horrível, o povo lamentava o seu sofrimento diante de tantas vidas violentadas pelos seus inimigos. Como sabemos, o pano de fundo do livro de Judite é a história vivida pelos Macabeus. Assim ficou escrito para a memória:

Chefes e anciãos gemeram,
moços e moças perderam seu vigor,
murchou a beleza das mulheres (1Mc 1,26).

De fato, a volta de Judite para Betúlia é o início de uma grande celebração. E essa celebração se dá no campo. Diríamos hoje, em uma área de conflito de terra. O santuário passa a ser a própria terra onde se dá o combate. É como se houvesse uma substituição do Templo: “abram, abram as portas”.

O cenário descrito na cena da volta de Judite a Betúlia nos convida à imaginação numa grande cena cinematográfica. A volta de Judite para Betúlia, de fato, dá lugar a uma celebração da vitória do povo oprimido contra o opressor. Toda a cena desta perícopos adquire um colorido litúrgico surpreendente.

Logo de início escutamos as expressões: “Abram a porta!” É como se estivéssemos diante de um grande cenário onde acontecerá algo triunfal. Podemos lembrar de imediato o Sl 24,7 e principalmente 118,19: “Abram para mim as portas do triunfo: vou entrar agradecendo a Javé”. Deus se revela como grande libertador do povo.

O “hoje” lembra o Sl 118,24: “Este é o dia em que Javé agiu: exultemos e alegremo-nos com ele”. Nesse momento Judite ainda não contou o acontecido. Mas a cidade entra em alvoroço. Imaginemos a cena: um grupo de camponeses sai à frente e arma uma grande fogueira. Isso era à noite. E o povo começa a se juntar em torno da grande fogueira. E todos ficam atentos para a grande novidade.

Judite fala pela segunda vez: “Louvem a Deus!... Nesta noite ele matou o inimigo através da minha mão”. De imediato a expressão “esta noite” lembra a noite da libertação. A páscoa. Recorda imediatamente a libertação operada no Egito (Ex 12,12). Como foi essa ação de Deus? Como Deus libertou? Deus agiu através de uma viúva. “Através de minha mão”, disse Judite. A cidade escuta cheia de espanto aquela notícia. Deus age por meio dos fracos, dando eficácia à ação deles contra os seus opressores. O modo de Deus agir é muito estranho aos olhos do mundo.

O espanto maior é quando Judite tira da sacola a cabeça de Holofernes do mosqueiro e proclama: “O Senhor o matou pela mão de uma mulher”. Fica declarado que Deus age pela mão dos fracos. E Judite é o exemplo de que o fraco pode agir como embaixador de Deus sem ter a sua honra manchada.

O texto deixa bem claro que Judite não agiu em proveito próprio, mas agiu pela coletividade. Ela expôs a própria vida para salvar o povo da morte.

Esta mulher foi capaz de expor seu corpo para a sedução e, ao mesmo tempo, de guardá-lo contra qualquer contaminação. Quanta força nas palavras de Judite: ela foi “dona” do seu corpo até o fim, fez com ele o que quis, com extrema liberdade e, ao mesmo tempo, com ousadia e coragem. Holofernes, que pretendia libertar a terra, foi incapaz de possuir o corpo de Judite. O corpo de Judite fez com que ele perdesse literalmente a cabeça. Duas são as certezas de Judite: o bem da casa de Israel e a vida do povo devem ser procurados acima de tudo, acima de qualquer coisa. Deus sempre vai proteger o caminho de quem luta com estes objetivos. Isso ela proclama com alegria e com firmeza. Todos em Betúlia devem ouvir e celebrar⁶.

Na perícopos (13,17-20) há claramente um maravilhamento pela ação de Deus através de Judite. O acontecido provoca nos presentes uma sucessão de loas e benditos. É o bendito do povo para Deus que derrotou os inimigos. É a expressão da reli-

6. GALLAZZI, 2001: 121.

gião popular. Através de suas louvações e com muita espontaneidade. É também o bendito de Ozias.

Há um casamento perfeito entre a fé e a luta. Toda a luta de Judite e do povo de Betúlia são ações do Deus da Vida. A religião é um acontecimento vital. O cimento unificador da luta é a religião. No final da perícopé analisada o povo se expressa (13,20): “amém, amém”, ou seja, “assim aconteça”. Isso significa que o povo aprendeu e ficou muito mais convencido de que tem que “colocar a mão na massa”. É “colocar a mão a serviço do poder salvador de Deus”.

Judite é, de fato, a personificação da resistência e da luta dos Macabeus contra o poder imperialista de Antíoco Epífanes. Os imperialistas jamais entenderão que Deus age claramente junto ao povo oprimido e explorado, sedento por justiça.

Mais uma vez a Bíblia mostra que quem vai salvar o povo não é o rei, não é a lei, mas uma mulher. Estas grandes mulheres da Bíblia nos lembram, como veremos, as parteiras do Egito (Ex 1,15-18) que enfrentaram o faraó e nos mostram que Deus está sempre do lado dos oprimidos.

Paralelamente ao livro de Judite podemos evocar imagens femininas na Bíblia. Já no Gênesis, Adão chama sua mulher de Eva, ou seja, “a mãe dos viventes” (Gn 3,20). A figura da mulher não só representa uma figura individual, mas ela é ao mesmo tempo a expressão e o rosto do povo.

Muitas mulheres tiveram um papel importante na Aliança do Povo com seu Deus. É importante compreendermos que o livro de Judite é acompanhado por várias outras protagonistas:

- As parteiras do Egito – as parteiras salvam a vida (Ex 1,17-21). O faraó dá ordens para matar as crianças do sexo masculino que nascessem entre os hebreus. Com esse decreto, cuja execução fica a cargo das parteiras, ele pretende resolver o problema do grupo de escravos que, a seu ver, pode tornar-se um perigo político, por causa de sua rápida reprodução. As parteiras, profissionalmente comprometidas com a reprodução da vida, sentem-se perdidas neste conflito entre a morte e a vida. Preferem mentir ao rei, embora represente a vontade de seu deus, antes que matar. Obedecem mais à vida à qual agora têm servido. Com isto, o Deus dos hebreus se manifesta como o Deus da Vida.
- Miriam – profetisa e irmã de Moisés (Ex 15,20-21). Com muitas mulheres Miriam toma o tamborim e dança louvando ao Senhor que tinha salvado o povo judeu, fazendo-o passar a pé enxuto. O canto de Miriam é o canto e louvor das mulheres e do povo. Miriam representa a mulher e o povo capazes de render graças depois de uma libertação concreta.
- Rute – simboliza o pequeno povo que está se acabando e que, finalmente, sobrevive através da continuidade da geração e da garantia de uma descendência.

- Ester – é uma mulher que se torna rainha e cuja luta salva os judeus. Imagem da mulher que salva o povo. O povo que se salva numa figura de mulher, simbolizando a ação contínua de Deus no meio da história humana. Amã, ao assumir o posto de primeiro-ministro, pede ao rei da Pérsia a permissão de acabar com os judeus do seu país (Est 3,9.13; 7,4). Ester, a rainha judia, sente-se só, sabendo que é a única que pode salvar o seu povo (4,14; 13,3). Correndo o risco de perder sua vida, ela se apresenta diante do rei, seu esposo, para pedir a salvação de seu povo, desmantelando o plano do inimigo (5,4-19). Seu Deus é o Deus dos pais que sempre protege o oprimido (4,5). Ele é justo e libertador (7,4; 4,19).
- Ana – era a esposa estéril que dá à luz o juiz Samuel, que desde cedo se coloca a serviço de Deus e a serviço do povo. Ana é a mulher, mas é também o povo capaz de gerar seus servidores, ao mesmo tempo servidores do Senhor.
- Hulda (2Rs 22,11-20), que assume o profetismo e é consultada pelo rei. Ela defende o Deus verdadeiro.
- Débora (Jz 4,4-10) caminha junto a Barac. Aparece como uma grande líder do povo. Débora foi uma profetisa e anunciava o dia em que Javé vai atuar. No tempo dos Juízes, os israelitas foram oprimidos por altíssimos impostos (Jz 5,7), que deviam ser pagos em produtos agrícolas e dinheiro (Jz 5,19). Não podendo eles pagá-los, Jabin, rei de Canaã, envia seu chefe de exército, Sísarra, contra eles. Era um enfrentamento desigual, porque os israelitas mal estavam armados (Jz 5,8). Nesse momento de extremo perigo, a juíza Débora se oferece para entrar no combate, já que Barac se nega a ir sem ela. Débora toma consciência da iminência do perigo e responde como “mãe do povo” (Jz 5,7). Seu Deus é o Deus do povo que está com ela, pois seu “coração está com” o povo (Jz 5,9-13).

Esses paralelos bíblicos nos ajudam a ver que há um fio condutor em toda a Bíblia. O Deus da Vida se revela através do pequeno e tido como fraco. O símbolo da mulher é expressão do marginalizado, que se torna central em toda a história da salvação. “A pedra que os construtores rejeitaram se tornou a pedra angular” (Sl 118,22).

É importante ver que o texto que analisamos não está descontextualizado da chave de leitura que escolhemos: a mulher. Os traços que aparecem em Judite podemos lê-los como elementos proféticos relevantes para o Antigo Testamento. Vejamos:

- 1) Reivindicação de seus direitos: Jz 5,12 / Gn 32,6-26; Rt 2,2s / Est 8,11-12.
- 2) Autoridade, liderança e sabedoria: Jz 8,9-36 / Rt 3,11 / Jz 4,4-5.
- 3) Símbolo de resistência do povo: Jz 5,7.
- 4) A fé no Deus dos oprimidos – Aliança: Jt 9,11 / 1Sm 2,8.
- 5) Clamor e lamentação: Ex 2,23-24 / Est 4,1-3 / Jt 8,21-24; 9,1-11 / Rt 1,13 / Gn 16,1-2.4-14; 21,8-21.

- 6) Cânticos e hinos: Ex 15,20; Jz 5,7 / Rt 4,14-15 / Jt 16,1-17 / 1Sm 1,20.
- 7) Liberdade e fidelidade: essa atitude dos profetas aparece em todos os textos.
- 8) Exposição da própria vida – Morte e Ressurreição: Jz 4,8-9 / Jt 10–13.

Essas características marcam o contexto bíblico do Antigo Testamento, portanto encontramos as mesmas também no livro de Judite.

No texto de Judite há muito claramente uma contraposição ao poder imperialista, fundado na ânsia pelo poder e pela riqueza, que geram a fraqueza e a pobreza dos povos⁷. Nesse contexto Deus tem um projeto de justiça, capaz de proporcionar a liberdade e a vida para todos. Na perícopes que analisamos é expressa a vitória do povo. Lembra a caminhada do povo de Deus que louvava sua intervenção trazendo a vitória. Agradecia a presença dele em suas vidas e em suas lutas. O Salmo 144, por exemplo, servia bem como canto durante um tempo de guerra e perseguição. Como fez o povo de Betúlia bendizendo a Deus pelo sucesso na luta:

Bendito seja Javé, o meu rochedo,
que treina minhas mãos para a batalha
e meus dedos para a guerra;
meu amor e minha fortaleza,
minha torre forte e meu libertador,
o escudo em que me abrigo
e que a mim submete os povos (Sl 144,1-2).

A vitória do povo frustra o projeto imperialista. O projeto do poder imperialista se alimenta do sangue dos inocentes e dá uma de bonzinho. O imperialismo de ontem e de hoje fala que dá a liberdade, mas é incapaz de gerar a vida. O imperialismo se alimenta das injustiças e cada vez mais as multiplica. Na parte teológica iremos ver que é pela ação dos inocentes que Deus age, realizando o seu projeto voltado para a liberdade.

7. Contextualizando no hoje (hermenêutica)

A nossa história está cheia de fatos onde o fraco desafia os poderosos e vai até as últimas conseqüências. Podemos citar o exemplo de Canudos. No final do século XIX houve um grito dos pequenos no sertão da Bahia, em Belo Monte. Era um grito de liberdade.

Como Betúlia, Canudos estava encurralada pelas forças militares. Sede, fome e doença... mas o povo resistiu sob a liderança do beato Antônio Conselheiro. Resistiram até o último combatente. Canudos foi vitoriosa em tudo. Em moral e ética. Canudos só perdeu em número de armas. “Canudos foi um exemplo único em toda a história”⁸.

7. STORNILO, 1994: 77.

8. Euclides da Cunha. *Os sertões*.

A história de Canudos tem muito em comum com todo o conjunto do livro de Judite. A campanha militar contra Betúlia tem muito a ver com a campanha militar contra Canudos. Vale a pena lembrar a história de Canudos.

Em todas as redondezas
A notícia se espalhava
Que o povo de Canudos
Como irmão trabalhava
Não existia patrão
Nem fome ninguém passava
(poesia popular de Canudos).

Em 1893 foi iniciada a formação da cidade comunitária de Canudos. Os camponeses descobriram na pregação do Conselheiro um chamado para mudar a situação e um apelo para construir uma comunidade sem exploradores e explorados, onde a vontade do povo fosse respeitada. Chegaram a Canudos famílias que vendiam ou que deixavam suas pequenas propriedades, ex-escravos, indígenas e sertanejos que corriam do sofrimento. Chegando a Canudos logo encontravam aconchego. Não faltavam mutirão, comida e reza. Rapidamente a comunidade foi crescendo e em poucos anos se tornou uma das maiores do Nordeste. Tinha 25.000 (vinte e cinco mil) habitantes, chegando a ser a maior cidade do estado da Bahia depois da capital Salvador.

A pregação do Conselheiro insistia em dizer que a terra tem um dono só. Se a terra é de Deus, os camponeses podiam ocupá-la. Inspirados nesses preceitos divinos e nas necessidades concretas do povo, os camponeses iniciaram a ocupação das terras, até então improdutivas e abandonadas. Assim se expressou o historiador Edmundo Moniz:

Canudos era uma velha fazenda abandonada, com palhoça de pau-a-pique, à margem do Vaza-Barris ou Irapiranga, quando Antônio Conselheiro aí chegou em 1893. Ali os fiéis podiam construir o seu lar, sem se sujeitarem aos caprichos das autoridades policiais nem dos grandes proprietários de terra⁹.

E a tentativa de criação de uma comunidade igualitária em uma terra livre no sertão da Bahia logo atraiu a ira dos latifundiários da região, que viviam explorando os camponeses. De fato, seria muito perigoso para eles se as idéias do Conselheiro se espalhassem pelos sertões e surgissem outras Canudos. Daí a decisão de acabar com Canudos foi compartilhada pelos fazendeiros, pelo governo e pelos militares, com a bênção da Igreja na época.

A experiência de Canudos foi tachada de anti-republicana, mas a acusação não correspondia à realidade dos fatos.

Na realidade, a República já nasceu apodrecida pela erva daninha da injustiça e da desigualdade social. A questão da terra ficou sempre intocável, tanto no Império como na República. O movimento iniciado por Antônio Conselheiro antecede a Repú-

9. MONIZ, 1988: 43.

blica, pois desde 1874 o beato Conselheiro percorria todo o sertão, tendo sido inclusive perseguido duramente pelo Império. O que o beato Antônio Conselheiro percebe é que a situação dos pobres do campo continua sem alteração.

A idéia básica, na experiência de Canudos, foi viver o comunismo dos Atos dos Apóstolos. Com certeza ninguém em Canudos leu Marx ou Engels, mas viviam na inspiração do cristianismo primitivo e nos anseios das massas camponesas.

Canudos ficava num cenário que lembrava as paisagens descritas na Bíblia: uma região árida repleta de caatingas, rodeada por cinco serras ásperas e atravessada por um rio, o Vaza-Barris. Os caminhos eram difíceis e traiçoeiros. A vegetação era pobre e espinhenta, formada por mandacarus, xiquexiques, macambiras, catumbis, juás, palmatórias, quizabas, baraúnas, favelas, etc. As serras Canabrava, Cocorobó, Calumbi, Cambaio e Caipã envolviam o espaço num “abraço” natural.

Canudos tornou-se um oásis no sertão do norte da Bahia e, rapidamente, cresceu em importância econômica e social. Canudos passou a exercer, dentro de pouco tempo, uma forte atração sobre os sertanejos e sertanejas mais humildes. Dirigia-se para lá gente de todo o sertão baiano e de alguns estados do Nordeste. Eram pessoas que vendiam seus recursos, como gado e terra. A presença de negros era o dado mais revelador de que em Canudos se juntavam pretos “libertados” pela Lei Áurea como também outros marginalizados: doentes mentais, aleijados e incapacitados. A composição social de Canudos era muito heterogênea. E essa heterogeneidade que compunha a sociedade estabelecida em Belo Monte teve um “cimento unificador no aspecto religioso”¹⁰.

Em Canudos se formava opinião. Aos poucos, ia sendo criada uma visão de mundo. Após o trabalho diário, todos os que quisessem se reuniam diante das igrejas para participar das celebrações comunitárias.

À medida que Canudos crescia, foram definidas algumas funções especiais que Conselheiro atribuiu a pessoas de sua confiança: João Abade recebia os recém-chegados e coordenava os mutirões; Antônio Beato era o “repórter” de Canudos; Maria Francisca e Marta Figueira eram professoras; Timóteo era o sineiro; Manuel Quadradão era encarregado da saúde; Pajeú era o comandante militar encarregado de defender a cidade; Antônio Vila Nova guardava as armas e munições.

A história do grande acontecimento que foi Canudos, a luta de Antônio Conselheiro e sua gente, foi a resistência na terra. E para isso o povo encontrou um jeito, um modo que contrariava o jeito dominante na época. Para isso lutou contra todo o poder opressor até as últimas conseqüências. O fato de Canudos ter resistido até o fim, sem se entregar, comprova o grau de convicção da comunidade de Antônio Conselheiro. A fé popular vivida em Canudos era um alimento que garantia a resistência na terra. Só o poder da fé, e a fé religiosa, fazia aquela gente proceder daquela forma. De fato, em Canudos existia um Catolicismo Popular com um chão bem concreto. Em Canudos houve uma experiência concreta de Comunidade Eclesial de Base, como chamamos hoje.

10. CABRAL, 1985: 24.

E por que não dizer que Canudos foi uma experiência bem-sucedida de Reforma Agrária, se foi um assentamento que deu certo?

A produção e comercialização estavam na pauta do dia de Canudos. Toda a organização era, principalmente, para suprir as necessidades da comunidade. Uma das fontes de renda da comunidade era a venda de peles de cabra, que a República exportava, inclusive. A importância da cabra na economia de Canudos era decisiva porque dava o alimento-leite-carne e o couro para roupas e sapatos. O excedente vendia-se aos comerciantes que o levavam para Salvador, e o couro de cabra chegou a ser um dos mais importantes produtos de exportação da economia baiana. Com isso podemos ver o quanto o jeito de o povo se organizar representava uma resposta inteligente para enfrentar as dificuldades da época. De fato, “dentro do quadro de suas limitações, o homem mesmo cria seu jeito de agir ou de esquivar-se e assim demonstra o que ele é e quer ser e como escrever a continuação de sua história”¹¹. O fato histórico da guerra de Canudos, articulado às feições camponesas em torno de um líder carismático nos sertões da Bahia, no último quartel do século XIX, enseja um conjunto de reflexões que não só cria condições para se (re)pensar a questão camponesa no Brasil, como também serve de trilha por onde se penetra nas redes de poder, quer na perspectiva das representações simbólicas (ideologia e mentalidade), quer a partir das estruturas de dominação constitutivas da sociedade brasileira.

Antônio Conselheiro e Canudos, com sua aura mística, popular, sincrética e libertária, ofereceram uma colaboração original e fecunda ao Nordeste, ao Brasil e ao mundo.

Vemos que a história de Canudos tem ar de uma história bíblica muito fascinante. O texto do livro de Judite lembra Canudos. Só que uma história é ficção e a outra é realidade.

Podemos trazer hoje à tona o movimento social. Precisamente movimentos de luta como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Pastorais sociais como a Comissão Pastoral da Terra (CPT). Ambos estão nas pegadas de Canudos e, por que não dizer, na reinvenção bíblica da luta pela terra. Como no texto de Judite (13,11-20), esses grupos expressam uma teologia profética. Isso significa que Deus continua precisando das mãos humanas para continuar operando.

O profetismo é caracterizado por grupos de mulheres e homens proféticos. É preciso contextualizar e atualizar a ação do Deus da Vida na história humana. A lembrança de Judite hoje nos diz que a história humana tem que se tornar história da salvação. Por isso o poeta popular canta:

Palmares, Canudos, Cabanos,
São lutas de ontem e de hoje também.

Fazer uma relação do livro de Judite com acontecimentos atuais é uma postura muito natural. Como todos os livros bíblicos, também o livro de Judite toma posição

11. LEERS, 1982: 15.

diante das crises, dos conflitos, das dúvidas que se alastram no momento histórico que lhe é contemporâneo.

O livro de Judite nos ajuda a refletir sobre a lógica imperialista. O relato do texto nos mostra como é a lógica do processo imperialista: a ambição imperialista (Jt 1,1-16). No centro de tudo, a ambição: os impérios nunca estão contentes com o que possuem. Querem sempre mais: mais riqueza (ampliação da economia) e mais poder (ampliação política). O caso mais célebre, neste início de século, é a Guerra dos Estados Unidos contra o Iraque.

Que país simboliza, hoje, o imperialismo no mundo? São muito sugestivos os acontecimentos no cenário internacional.

Os acontecimentos da derrubada das “Torres Gêmeas” e parte do Pentágono¹² nos fazem pensar um pouco. E pensar tendo como pano de fundo o Livro de Judite. O mesmo é um veredicto ferrenho contra o imperialismo de Nabucodonosor. Vivemos debaixo de qual imperialismo? Qual nosso contexto atual? O que faz com que exista tanto sofrimento e ira no Oriente Médio?

A Bíblia fala que os poderosos têm pés de barro. Que imagens e simbolismos sugerem os acontecimentos do dia 11 de setembro de 2001, num paralelismo com o livro de Judite?

É muito sugestiva a crônica que o padre Reginaldo Veloso, com o seu dom poético, faz deste acontecimento. Vejamos:

A nação norte-americana,
há pelo menos quatro séculos,
vem desenvolvendo um projeto de civilização
baseado em duas fatais escolhas:
lucrar, eis a primeira!
Lucrar a qualquer custo, não importa como.
Caso esse interesse supremo venha a ser contrariado,
eis a segunda, *matar*!
Em nome dessas duas decisivas opções,
edificaram-se
as *torres* do World Trade Center,
e o *Pentágono*.
Terroristas, diga-se de passagem,
ex-alunos da maior agência e da “melhor” escola de terrorismo do mundo,
a *CIA*, Central de Inteligência da América,
quem sabe por que virada da História,
acabam de surpreender seus mestres, justamente
com a derrubada espetacular das torres de Manhattan
e a destruição de parte do “inexpugnável” megabunker de Washington.

12. Referente ao atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 que derrubou as torres do World Trade Center e o Pentágono nos Estados Unidos.

E o império do lucro e da morte,
qual dragão enfurecido,
se contorce a querer vomitar chamas e brasas
para vingar o golpe recebido.
Seu alvo, o Talibã,
o grande procurado, Osama bin Laden!
Bodes expiatórios é o que não pode faltar
para se dar satisfação a uma população ensandecida
pelo sentimento de vingança levado ao paroxismo,
graças aos artifícios da mídia a serviço do sistema.
Como se esquece rápido o que aconteceu no Chile, no Uruguai, no Brasil,
em El Salvador,
nas recentes décadas de 60-70-80!...
Não foi terrorismo
o golpe arquitetado e financiado pela CIA
que derrubou o governo socialista de Salvador Allende,
matou o presidente chileno eleito democraticamente pelo voto do seu povo
e milhares de cidadãos e cidadãs do Chile?...
Não foi terrorismo
a caça impiedosa a todos os dissidentes das ditaduras instaladas
na América Latina,
por agentes treinados e financiados pelo serviço de inteligência dos USA?...
Não foi terrorismo
O assassinato brutal e covarde do Arcebispo de El Salvador,
Dom Oscar Arnulfo Romero,
a mando da oligarquia feroz de San Salvador,
sustentada e subsidiada
pelos pretensos defensores da Liberdade e da Democracia?...
E o preço pago por Nagasaki e Hiroshima,
há pouco mais de 50 anos,
duas cidades, povoadas de crianças e idosos, de civis indefesos,
vítimas de uma intervenção devastadora e terrível,
que as reduziu a cinza,
ceifando centenas de milhares de vidas
entre mortos e feridos incuráveis,
não terá sido um genocídio, um crime contra a humanidade,
que merece pecha mais detestável do que qualquer outra ação
que se possa apontar como terrorismo?...
Diante do sofrimento do povo de Nova Iorque e de Washington,
toda solidariedade é louvável,
e certamente exemplar, a de Fidel Castro e do povo cubano,
que coloca à disposição da nação vizinha, sua implacável inimiga,
seus aeroportos, seus hospitais, seus médicos e o plasma doado por sua gente.
Mas a nossa solidariedade não pode embarcar

numa ingênua compaixão
de quem desconhece tudo quanto está por trás do que aconteceu
e sobretudo a hipocrisia destes falsos guardiães da democracia.
Não pode deixar de constatar que os que tombaram com as torres
ou no Pentágono,
eram, com exceção dos turistas, talvez,
agentes e servidores, mais ou menos conscientes ou coniventes,
deste império do lucro e da morte.
Compaixão, solidariedade, misericórdia para com os sofridos, sem dúvida, mas
não adianta tapar o sol com uma peneira!
Deus tenha compaixão de todos eles e elas e de todos nós!

De fato, o imperialismo foi surpreendido como Holofernes. A cabeça do opressor foi cortada com sua própria arma. Hoje, sem dúvida, o poder imperialista não depende de uma só cabeça. Não se trata mais de cortar a cabeça de um general. Mas o significado radical da ação de Judite permanece. Com efeito, para ser eficaz, a ação contra o poder imperialista deve ir direto à raiz, ou seja, à ideologia imperialista, ao complexo de idéias que gera e sustenta o sistema inteiro. Essa é a cabeça a ser cortada. Aqui entra o discernimento capaz de dar o golpe certo, na hora certa e no lugar certo.

É verdade que os acontecimentos de “11 de setembro” provocaram muitas discussões. Mulheres, homens, cristãos, cidadãos, sociólogos, historiadores, biblistas, místicos, cientistas e estudantes comentaram à vontade.

Comentando os acontecimento de “11 de setembro” o biblista Alessandro Galazzi intitulou um artigo: “Eu e minha casa serviremos a Javé”¹³. Parte desta reflexão nos ajudará a pensar:

O que mais nos provocou foi o significado religioso deste acontecimento: não resta dúvida que 19 pessoas morreram e mataram outras 6000 pessoas em nome de Deus. Falou-se em fanatismo, fundamentalismo religioso e de muitas outras coisas. Mas nos impressionou a descoberta das páginas que davam as últimas instruções aos que estavam prestes a morrer, a dar a sua vida por uma causa que eles consideravam santa. Foi imediata, quase instintiva, a comparação com os jejuns e as orações de Judite que planejava o assassinato de Holofernes:

“Quebra sua força com teu poder,
esmaga seu ímpeto com tua cólera!
Abate sua arrogância pela mão de uma mulher” (Jt 9,8-10).
“Senhor, Deus de todo poder!
Olha propício para o que vai fazer a minha mão.
É agora o momento de socorrer a tua herança,
De realizar o meu plano
Para esmagar os inimigos que se insurgiram contra nós” (Jt 13,4-5).

Nos lembramos de Matatias que, no leito de morte, convocava seus filhos a lutar contra o imperialismo grego:

“É o tempo da destruição, da cólera inflamada...

Dai a vida pela aliança de vossos pais...

Não temais as ameaças do pecador

Pois voltará ao pó de onde veio e seu projeto fracassará...

Reuni em torno de vós todos os que observam a lei

E assegurai a desforra de vosso povo...” (1Mc 2,49-68).

Gallazzi continua mostrando nas páginas bíblicas histórias semelhantes. E pergunta: “o que a gente vai fazer agora com todas essas páginas?”

O que fazer com a memória da destruição da torre de Babel, com os oráculos proféticos contra as nações e vaticinando a destruição de Jerusalém, com as visões de Daniel vendo a pequena pedra destruir a estátua dos impérios? O que fazer com as palavras de Jesus – de ti não ficará pedra sobre pedra –, com o sonho do Apocalipse de ver os reis e os mercadores da terra chorando diante da fumaça das chamas que devoram Babilônia, dizendo atordoados: “Caiu, caiu Babilônia...” O que havia de comparável com a grande cidade?

Questiona o biblista essa história de fanatismo. Será um fundamentalismo religioso de um modo arcaico, primitivo?

Mas são as mesmas palavras celebradas hoje pelo moderno Israel em sua guerra contra os palestinos; as mesmas palavras proclamadas pelos protestantes e pelos católicos da Irlanda do Norte e que há décadas estão se destruindo reciprocamente, sempre em nome de Deus. As mesmas palavras de Pedro o Eremita que percorria as terras da Europa convocando às cruzadas contra os árabes infiéis, gritando “Deus o quer!” As mesmas palavras dos bispos que abençoaram os canhões e as armas dos exércitos em guerra. E, para nós, continuam sendo palavra do Senhor, palavra da salvação. Páginas, histórias, da nossa história; páginas não são passado: elas são memória e são projeto. Precisam, por isso, de permanecer a utopia, na escatologia. Só no fim – eschaton – vai ter lugar para elas, antes não terão lugar – u-topos.

Concordamos com a reflexão de que ter trazido para o nosso cotidiano o que é escatológico, o que é u-tópico pode ter sido o verdadeiro erro do “11 de setembro”. É bem verdade que o mesmo erro de quem quer acabar de qualquer jeito e da mesma maneira com o terrorismo: isso, também, é u-tópico e escatológico. É a mesma ilusão de ficar esperando o Reino de Deus como um passe de mágica e não ir à luta do cotidiano, não colocar as mãos na massa. Nesse sentido nos unimos à evocação:

Eu e a minha casa não estamos com Bush e com seus planos de guerra santa em defesa da civilização ocidental, contra o terrorismo. Eu e a minha casa continuamos acreditando que Babilônia, a grande cidade, deve ser destruída, que dela não deve ficar pedra sobre pedra, que suas torres vão ruir pro chão.

Por isso, “continuaremos acreditando num socialismo que ainda não existe” (Pedro Casaldáliga). Servir a Javé e colocar-se à sua disposição é colocar a mão na luta. E para isso é preciso acreditar na luta do cotidiano das mulheres e homens que não dormem na hora da luta. Pode começar em casa. Pode iniciar na “Igreja da Casa”. O cuidado com o outro já é uma maneira de serviço do Senhor. Fica a pergunta: “Como podemos ser cada vez mais hábeis na comunicação entre os espaços da casa e da rua?”

8. Mulheres atuando no Terceiro Milênio

É sempre bom olharmos a história. Num recente artigo, o irmão monge beneditino, Marcelo Barros, escrevia sobre o dia da mulher. Fazendo uma reflexão de fundo, dizia que a causa feminista tem se associado a todas as lutas justas da sociedade contra qualquer forma de discriminação.

Quem procura ligar a vida à sua fé sabe que as religiões têm uma dívida social com a causa da mulher. A maioria dos caminhos espirituais surgiu a partir de sociedades machistas que as levaram a canonizar o modelo patriarcal.

A história é subversiva. Nenhuma interpretação da história é inocente. E a história de lutas das mulheres deve ser lembrada e atualizada no contexto atual.

A causa feminista tem se associado a todas as lutas justas da sociedade contra formas de segregação, como a étnica, a racial, a sexual e outras. Agora está sendo proposto à ONU dedicar este início do século XXI à erradicação das discriminações contra a mulher. A causa da igualdade e da justiça diz respeito a todas as pessoas comprometidas com uma sociedade nova. Assim, mulheres e homens, dentro e fora das estruturas institucionalizadas, quer sejam religiosas ou leigas, devem trabalhar juntos para uma relação de gênero que conduza a essa sociedade de diálogo, respeito às diferenças e compromissos comuns¹⁴.

Dentro do desafio do novo milênio temos que incorporar em nossas vidas uma nova compreensão do feminino. Para isso é preciso enfrentar alguns obstáculos à justa compreensão do feminino.

Sabemos que a sociedade moderna acabou com uma série de “tabus”, mas criou outros. Assim há uma espécie de movimento que aparece e desaparece, de fenômenos comportamentais relativos a obstáculos ou limitações.

Algumas contribuições aparecem hoje e apontam os obstáculos à compreensão justa do feminino. Vejamos:

1) *Oracional científico*. O masculino e o feminino. Não é algo fixado em lei. Não é algo estático. É sim um conjunto de relações que estabelece e define um modo de ser e agir.

14. Mensagem para o Dia Internacional da Mulher – 2001: Mulheres e homens no Dia da Mulher. Marcelo Barros, Mosteiro da Anunciação do Senhor, Goiânia, GO.

2) *Sexo forte*. A dependência da mulher com relação ao homem é uma criação cultural. É uma questão de ideologia. O essencial do humano não é uma questão sexual. Não existe o melhor, por ser masculino ou feminino.

3) *A racionalização do sexo*. É reduzir o sexo a uma questão reprodutiva e biológica. Com isto se reduz a maternidade e a virgindade a uma questão física e puramente biológica.

4) *A ontologização*. É dizer que a dependência e a submissão da mulher é algo típico da natureza feminina. Esta forma de pensar é proveniente do jogo de interesses.

5) *A polarização dos sexos*. É o fato pelo qual se dá a cada um características independentes a tal ponto de criar separação sociológica e religiosa. Esta separação criou um tipo de tratamento com relação aos direitos humanos. Os direitos humanos são humanos e não sexuais.

Tendo presente o livro de Judite, gostaria de refletir sobre o caráter profético das mulheres nos dias atuais. A teóloga Ivone Gebara faz uma interpelação neste sentido: “Na convivência da vida cotidiana de mulheres, sobretudo nas periferias das cidades brasileiras, e das mulheres religiosas vivendo nestes mesmos lugares, pode ser encontrada alguma profecia? Ou será apenas uma vivência de ternura e solidariedade?”¹⁵

Vivemos um processo fantástico de aceleração histórica. E é dentro desse processo que podemos vislumbrar a movimentação das mulheres. Há quem fale da revolução cotidiana das mulheres.

Volto ao fio condutor desse escrito que é perceber o agir das mulheres. Primeiro de tudo é fundamental se fixar no foco central do livro de Judite. Deus é assumido, por Judite, como aquele que faz justiça aos oprimidos. Ele “age por mãos de mulher”.

O texto de Judite tem incidência concreta nos dias de hoje. O exemplo de Judite está presente em muitas mulheres que lutam pela sobrevivência do seu povo. Citemos um exemplo ilustrativo do que aconteceu em uma ação da polícia em cima de um grupo de trabalhadoras e trabalhadores rurais na Paraíba:

...enfrentei a polícia e os capangas. Foi em uma ação de despejo que um policial/capanga bateu em um trabalhador e ele desmaiou. Eu fui acudi-lo e o capanga/policial meteu o cassetete no braço. E eu peguei ele pelo peito e disse que não fizesse isso com um pobre trabalhador e por que não ia fazer com os marginais e ladrões e fazia com um pobre que queria um pedaço de chão. Aí ele pegou minhas coisas (bolsa) e jogou no fogo aí eu peguei ele pela beca e joguei ele no fogo. Só que ele se livrou. Comecei a juntar as sementes para levar e ele disse que eu deixasse isso porque ia se dá mal. Eu continuei fazendo o ajuntamento da semente e coloquei nas costas e saí. Eu só esperava o tiro de doze nas costas, mas

15. GEBARA, 1992: 55.

Deus foi maior. Deus agiu através de mim (Maria da Glória, 39, moradora e coordenadora de um assentamento rural).

Com este exemplo de Maria da Glória podemos fazer um paralelo com a ação de Judite. A defesa do pobre e oprimido. A indignação contra o autoritarismo e os esquemas de morte das autoridades. Maria da Glória, como Judite, arriscou a vida pelos irmãos e irmãs. Mostrou que “prova de amor maior não há que doar a vida pelos/as irmãos/ãs”. E mais uma vez “Deus agiu por mãos de mulher” (Jt 13,15).

Junto a este exemplo poderíamos citar muitos fatos onde as mulheres se afirmam como profetisas e poetisas no combate a toda dominação e autoritarismo.

Este escrito tem a singela intenção de chamar a nossa atenção para o movimento profético das mulheres hoje. E o livro de Judite fica sempre como pano de fundo. Como no período dos Macabeus, precisamos encontrar formas de falar de Deus a partir do sofrimento dos inocentes, sobretudo do grito profético das mulheres.

9. “Deus dos seios maternos”

Uma primeira consideração é o registro de que há um protesto muito firme em curso. É como se faz a leitura da história. Fala-se muito hoje da leitura feminista da Bíblia. Vejamos o que diz a biblista Ana Flora Anderson¹⁶:

Quase todas as pessoas acreditam que a Bíblia é a história de um povo. Neste povo, há homens e mulheres, crianças e adultos, gente simples e gente instruída. A Bíblia conta como este povo viveu, como se encontrou com o Deus Vivo e aprendeu que Deus é “Pai” e todos os seus filhos e filhas são iguais. Mas, na hora de escrever estas histórias, o texto foi formado por homens, adultos e instruídos. Poucos textos foram escritos por mulheres, e nenhum pelas crianças e pessoas mais simples. Mesmo tendo muita boa vontade, os autores, freqüentemente, enfatizaram somente o papel dos homens. Eles contaram a história de todo o povo a partir de sua expectativa.

Hoje em dia, no mundo inteiro, há milhares de mulheres, judias, protestantes e católicas – formadas nas ciências bíblicas – que procuram fazer uma leitura no contexto de todo o povo. Elas enfatizam os papéis das mulheres e de outros marginalizados; elas criticam a mentalidade patriarcal que forçosamente vê quem não é homem como sendo personagem secundária e dependente¹⁷.

De fato, ler a Bíblia na ótica da mulher significa procurar o que cada texto fala às mulheres de hoje. Há uma perspectiva da mulher em qualquer assunto que surge nos textos. Um texto mostrará a importância da mulher na história do povo – como as par-

16. Ana Flora Anderson, biblista, é professora de Novo Testamento no Instituto Teológico Pio XI e na Escola Dominicana de Teologia.

17. www.adital.org.br

teiras do Livro do Êxodo –, e um outro mostrará o preconceito patriarcal em relação às mulheres – como a filha de Jefté que é oferecida como um sacrifício humano.

Constatamos com alegria que as mulheres aprendem a examinar as leituras feitas na ótica patriarcal e a impugnar qualquer interpretação distorcida pelo machismo. A interpretação tradicional da Bíblia sempre foi masculina, pois o masculino era tido como universal. Hoje, essa leitura ideológica incomoda muitas mulheres e homens nas sinagogas e nas igrejas. Essa conquista está ainda em curso.

A dimensão bíblica nos ajuda a entrar com o tema do Deus da Vida que se expressa maternalmente. Este tema traz uma densidade ao nível da espiritualidade feminina. E por falar em espiritualidade convém ressaltar que temos algumas dificuldades e limites colocados pela história.

Quando falamos em espiritualidade, isso sugere, num primeiro momento, uma espécie de ar puro que penetra no corpo inteiro: talvez seja por esta razão que a Bíblia hebraica chama o Espírito de “Ruah”, vento. Além disso, quando digo Espírito estou me referindo também a um sopro orientador da vida, um sopro que dá uma direção que pode mudar conforme os diferentes momentos e exigências da história.

Na realidade, espiritualidade é caso de amor. A teologia da libertação aborda espiritualidade como gesto concreto de amor. Se o pobre está com fome é um problema material para ele. Mas para mim é um problema espiritual. A espiritualidade é uma realidade eminentemente histórica, realidade que está no coração das mudanças nos diferentes espaços e tempos.

A inspiração do livro de Judite nos ajuda a perceber que no tempo dos Macabeus o povo camponês encontrou um jeito de viver sua espiritualidade. Possivelmente animado por um grupo de mulheres que encorajou e garantiu a resistência a toda dominação do imperialismo, inclusive a dominação cultural.

Isso mostra que em todos os tempos houve mulheres que refletiram sobre sua vida espiritual, embora nem sempre suas reflexões pudessem ter sido proclamadas à luz do dia.

Nossa tradição espiritual é profundamente patriarcal, ou seja, as coisas do espírito foram sempre consideradas mais um “negócio” masculino. As mulheres deviam se submeter, obedecer, não discutir as maneiras propostas para uma boa relação com Deus. Para as mulheres bastava aprender as “lições” dadas e observar à risca, com todos os controles de consciência montados para tal, as prescrições feitas pelos homens, religiosos, seculares e bispos¹⁸.

Deus está profundamente inserido no borbulhar amoroso das mulheres. O Deus todo-amoroso assume o lugar do Deus todo-poderoso. A expressão “*Deus dos seios maternos*” vem do hebraico bíblico: “*El shaddai*”. É o Deus dos seios grandes. É

18. GEBARA, 1992: 45.

aquele que alimenta e dá toda vitalidade aos viventes. A figura de Judite expressa a grandeza de um Deus que quer a vida farta para todos. Por isso Ele toma partido.

A mulher é fruto do divino. É morada do divino. Nessa perspectiva podemos falar do corpo da mulher enquanto morada de Deus. Judite não banalizou o seu corpo ao se doar à causa do povo de Betúlia aceitando se encontrar com Holofernes. Judite permanece íntegra. “Viva o Senhor, que me protegeu no meu plano. Juro a vocês que meu rosto seduziu Holofernes, para a sua ruína, mas ele não me fez pecar. Minha honra está intacta” (13,16). Sua tática foi seduzir o opressor pela beleza. O texto frisa cinco vezes a beleza de Judite (10,4.8.14.19.23). “A beleza da justiça pode conquistar o mundo inteiro, exterminando completamente o espírito imperialista. Não é à toa que os impérios sempre perseguiram o povo que pratica e exige a justiça”¹⁹.

O tema da valorização do corpo passa a ser importantíssimo para avaliar o quanto as mulheres estão sendo dignificadas. Isso implica que a dimensão corpórea da realidade da mulher não pode ser deixada fora do trato com a espiritualidade. “E o verbo se fez carne e habitou no meio de nós”... (Jo 1,14). O apóstolo Paulo também nos diz: “Se alguém violar o templo de Deus, Deus o destruirá. Porque é santo o templo de Deus que sois vós” (1Cor 3,17).

É portanto um desafio integrar o corpo como componente de toda a nossa atitude humana. Aí poderemos falar de libertação integral. Continua a nos interpelar a teóloga e irmã Ivone Gebara:

Tudo indica que a descoberta feita pela mulher de sua realidade integral, a partir de seu corpo e da ação transformadora que acontece através dele, será algo de profundamente revolucionário na história, se conduzido na linha do respeito a tudo o que é humano. A valorização do corpo, como meio a partir do qual entro em relação com o outro num nível de igualdade, evidencia que a primeira opressão que nós mulheres sentimos é a desvalorização de nosso corpo em todos os sentidos²⁰.

Hoje, vemos que não dá mais para pensar e agir de maneira unilateral. O outro se expressa como homem e mulher. Mulher e homem formam o humano completo. Há um encontro num mesmo chão. E, por isso, devem se colocar na construção de um mundo segundo os planos do Deus da Vida. E aqui estamos no campo do Reino e do anti-reino.

A figura de Judite expressa de maneira lapidar a luta contra os reinos de morte e a afirmação do Reino da Vida.

Conclusão

Vimos que, como todos os livros bíblicos, o livro de Judite, também, toma posição diante das crises, dos conflitos. Como livro bíblico, também, é produto de um gru-

19. STORNILO, 1994: 66.

20. GEBARA, 1992: 51.

po que tem uma identidade sociológica definida, ocupa um lugar específico no conflito e tem uma teologia própria e um projeto de sociedade. O livro busca dar uma resposta concreta a uma situação concreta.

É verdade que trabalhamos mais com hipóteses do que com certezas fechadas. Apesar de nosso esforço, teremos sempre que ficar no campo das hipóteses.

Como vimos também, para entender o livro de Judite temos que ter como pano de fundo o livro dos Macabeus (1 e 2). Contam a história da perseguição que os judeus sofreram entre os anos 178 e 134 aC (o livro de Judite é um texto deutero-canônico, escrito provavelmente durante a guerra dos Macabeus, cerca de 170 anos antes de Cristo). Foi um tempo de dura aflição que provocou uma resistência armada contra os opressores. A revolta camponesa dos Macabeus sugere um olhar sobre a vila camponesa de Betúlia. E sugere outros olhares sobre Canudos – BA (1893), Caldeirão – CE (1915)...

O livro de Judite é um livro profético. As palavras de Judite têm tom profético. A teologia de Judite guarda a grande tradição do povo de Deus. Ela tem autoridade para falar. Judite começa por denunciar o erro dos chefes (Jt 8,11). Judite questiona as autoridades e chama a atenção para sua missão: defender o povo diante dos inimigos e fazer o povo viver segundo a justiça e o direito. Judite dá um “puxão de orelhas” nas autoridades. Ela é contra entregar o povo aos inimigos. A função da autoridade é proteger e defender o povo contra os inimigos. Judite expõe a própria vida. Ela arrisca e confia no Deus da Vida.

Por fim evocamos a imagem de Maria, mãe de Jesus, a pobre de Nazaré que assumiu um compromisso de libertação. Ela que viveu as alegrias, as dores e esperanças do povo oprimido, marginalizado e excluído.

Estudando o livro de Judite não poderíamos deixar de fazer um paralelo com a “Mulher Forte do Evangelho”: Maria de Nazaré. Com ela queremos elevar os humildes e depor os poderosos das suas posições.

Que Maria possa nos emprestar o amor de Mãe dos pobres, para que se realize o *Projeto de Deus e o Reino de fraternidade e justiça*, no aqui e agora da nossa realidade latino-americana, enquanto ansiamos pelo *Reino definitivo*. “Amém! Amém!” (Jt 13, 20).

Ave Maria, Mãe Latino-Americana, grávida dos clamores de um povo explorado e oprimido. Mãe bendita, mediadora nossa e universal. Bendito é o povo que caminha contigo e com o Cristo, teu filho e nosso irmão.

Santa és Maria, Mãe da esperança e do Cristo presente no rosto e no coração do teu povo. Intercede junto a Deus por nós, para que se realize o Reino de Fraternidade e justiça no meio do povo amadurecido pelo sofrimento, na fé em teu Filho e nosso irmão. Amém.

Bibliografia utilizada

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1980.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1981.

Bíblia Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 2000.

BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus – Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

BREMER, Margot & ROBLES, Maria Engracia. *Ensaio sobre Judite*. Belo Horizonte: Cebi, 1990 [Série: A Palavra na Vida, n. 25].

CABRAL, Newton Darwuin de Andrade. *O cimento religioso e a consolidação de Canudos* [Trabalho apresentado ao Professor Ariano Vilar Suassuna, titular da cadeira de História e Cultura Brasileira na UFPE, 1985].

CADORE, Agostinho Luís. *Curso prático de português – Literatura*. São Paulo: Ática, 1997.

CEBI. *Macabeus: Resistência Armada Camponesa*. São Bernardo do Campo, s.e., 1988.

CORDI. *Para filosofar*. São Paulo: Scipione, 1999.

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CUNHA, Euclides. *Os sertões – Campanhas de Canudos*. 33. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FONSATTI, José Carlos. *Introdução à Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2001.

GALLAZZI, Sandro & GALLAZZI, Ana Maria Rizzante. “*Tu és a glória de Jerusalém! Bendita sejas tu, para sempre, junto ao Senhor todo-poderoso*”. São Leopoldo: Cebi, 1990 [Série: A Palavra na Vida, n. 35-36].

— *Judite – A mão da mulher na história do povo*. Petrópolis: Vozes, 2001 [Coleção Comentário Bíblico].

GEBARA, Ivone. *Vida Religiosa – Da teologia patriarcal à teologia feminista*. São Paulo: Paulinas, 1992.

HOORNAERT, Eduardo. *Questões metodológicas acerca da Igreja de Caldeirão – Heurística e hermenêutica*. Fortaleza: Cehila, 1989 [mimeo.].

LEERS, Bernardino. *Jeito brasileiro e norma absoluta*. Petrópolis: Vozes, 1982.

MONIZ, Edmundo. *A luta pela terra*. 6. ed. São Paulo: Global, 1988.

REIMER, Ivoni Richter. *Vida de mulheres, na sociedade e na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995.

Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Por mãos de Mulher. Petrópolis: Vozes, 1993.

Revista Estudos Bíblicos. A mulher na Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1990 [n. 20].

— A mulher na sociedade tribal. Petrópolis: Vozes, 1991 [n. 29].

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. *Indignar-se: vocação de Deus*. São Leopoldo: Cebi, 1995 [Série: A Palavra na Vida, n. 94].

STORNILOLO, Ivo. *Como ler o livro de Judite*. São Paulo: Paulus, 1994.

Artur Peregrino
(José Artur Tavares de Brito)
arturperegrino@unicap.br